

ARTIGO

“NOI SIAMO LA STORIA”:

UMA “COMUNIDADE” ITALIANA NO WHATSAPP?¹

MARIA CRISTINA DADALTO

Doutora em Ciências Sociais
Universidade Federal do Espírito Santo
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7925-3929>

ADÉLIA VERÔNICA DA SILVA

Doutora em Geografia
Instituto de Geografia e Ordenamento Territorial/ IGOT
Universidade de Lisboa
<https://orcid.org/0000-0003-4081-2575>

SANDRA NICOLI

Doutoranda em Ciências Sociais
Universidade Federal do Espírito Santo
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5535-7662>

RESUMO: Objetiva refletir sobre o sentimento de pertencimento à “comunidade italiana” do grupo de WhatsApp *Avanti Comunità*, criado por brasileiros descendentes das famílias de imigrantes italianos no Espírito Santo. Analisa-se o planejamento e organização da comemoração dos 150 anos da imigração italiana e a construção da narrativa “*Noi Siamo La Storia*”. O contato online, a participação em atividades culturais construídas em conjunto, as trocas de informações e experiências sugerem uma recriação da diáspora virtual refletindo uma imaginação compartilhada de ser italiano. Se caracteriza pela rememoração de uma história coletiva, autoidentificação com práticas culturais e associação entre seus membros.

PALAVRAS-CHAVE: Avanti Comunità. Imigração italiana. Diáspora digital. Imaginação. Noi Siamo La Storia.

¹ Esta pesquisa contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES).

“NOI SIAMO LA STORIA”: AN ITALIAN “COMMUNITY” ON WHATSAPP?

ABSTRACT: The objective of this study is to examine the concept of belonging to the Italian community as expressed in the WhatsApp group *Avanti Comunità*. This group was created by Brazilians who are descendants of Italian immigrant families in Espírito Santo. The study examines the planning and organization of the commemoration of the 150th anniversary of Italian immigration and the construction of the narrative "*Noi Siamo La Storia*." Online contact, participation in cultural activities, and exchanges of information and experiences suggest the recreation of a virtual diaspora that reflects a shared imagination of being Italian. This virtual diaspora is characterized by the remembrance of a collective history, self-identification with cultural practices, and an association between its members.

KEYWORDS: Avanti Comunità. Italian immigration. Digital diaspora. Imagination. Noi Siamo La Storia.

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2024v80p166-196>

Recebido em: 30/07/2024

Aprovado em: 14/10/2024



A proposta deste artigo é refletir sobre o sentimento de pertencimento identitário que permeia a relação sociocultural dos membros do grupo de WhatsApp *Avanti Comunità*, constituído há seis anos por brasileiros descendentes das famílias de imigrantes italianos estabelecidas no estado do Espírito Santo. Composto atualmente por 234 membros, o grupo se descreve como tendo o objetivo principal de reunir lideranças representativas da comunidade ítalo-capixaba e demais interessados na cultura italiana e na comunidade italiana.

Buscamos compreender as práticas socioculturais deste grupo online dentro do arcabouço conceitual da diáspora imaginada digital, mesmo que se tenha passado 150 anos do processo migratório. Sandra Ponzanesi (2020) explica que, no presente, com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), há uma multiplicação de significados sobre a diáspora digital a depender da diversidade disciplinar e especificidade da mídia, não havendo consenso sobre seu sentido exato. O que não significa que a noção fundante de diáspora tenha sido superada ou substituída.

Ponzanesi (2020) aponta, ainda, para o que considera ser um efeito positivo desta multiplicidade tecnológica, que é a possibilidade de debater a experiência da migração a partir da emoção e da negociação de variados pertencimentos. Tendo como suporte uma perspectiva pós-colonial, a autora avalia esse conhecimento de maneira relacional operando em três níveis: específico da internet; orientado para as plataformas digitais e incorporado às práticas sociais; e nos contextos políticos, geográficos e históricos.

Tendo esta perspectiva em tela, partimos do pressuposto que o grupo de WhatsApp, constituído por brasileiros descendentes das famílias de imigrantes italianos estabelecidos inicialmente no Espírito Santo, tem, em sua origem, dada pela própria denominação *Avanti Comunità*, a construção imaginária de um pertencimento à identidade italiana. Ou seja, muitos de seus membros não se sentem apenas descendentes de famílias imigrantes nascidos e constituídos como sujeitos brasileiros, eles se consideram italianos.

Neste artigo, entendemos a diáspora como um processo social que envolve memória coletiva, mito da terra natal, histórias e conquistas. Ou seja, “a diáspora é mais do que apenas outro conceito que está sendo introduzido para agrupar e categorizar pessoas” (Johnson, 2012, p. 43). Tal visão procura estabelecer um debate entre a literatura sociológica sobre a migração, mais

especificamente a transnacional, e os estudos diaspóricos, cuja gênese são os estudos culturais.

Dessa forma, podem ser destacados dois aspectos que diferenciam o foco dos estudos sobre diáspora em relação aos de migração. Primeiramente, os membros da diáspora tendem a se autoidentificar como pertencentes a comunidades ou grupos, promovendo uma mobilização baseada em sua identidade. Em segundo lugar, esses indivíduos buscam estabelecer conexões entre si e com aqueles que se estabeleceram tanto no país de chegada quanto no de origem (Johnson, 2012).

Assim, partindo da ideia da diáspora digital (Johnson, 2012; Ponzanesi, 2020), buscamos refletir as experiências e práticas associativas dos membros do grupo de WhatsApp *Avanti Comunità* – do qual duas das autoras deste artigo participam como pesquisadoras. Para refletir sobre essa comunidade digital, é relevante considerar a definição da "comunidade imaginada" (Anderson, 2008), um conceito que remete à ideia de que essas comunidades são construídas socialmente.

Nesse contexto, uma comunidade digital imaginada pode ser compreendida como uma experiência complexa, composta por múltiplas camadas, como as dimensões tecnológica, conversacional e relacional. A dinâmica dessa comunidade, por sua vez, envolve uma tensão intrínseca entre essas diferentes camadas, o que ressalta a complexidade das interações que ocorrem nesse ambiente digital (Grădinaru, 2016).

A análise deste processo focou exclusivamente nos *posts* e comentários associados aos preparativos e organização da festa comemorativa aos 150 anos da imigração italiana no Espírito Santo, que conta com grande envolvimento dos membros do referido grupo. Para este evento festivo a narrativa "*Noi Siamo La Storia*" se transformou em retórica repetida por membros do grupo e por sujeitos que não estão nele inscritos. Neste sentido, a pergunta que conduz o presente artigo é: a construção desta narrativa leva a um entendimento de uma comunidade diaspórica digital imaginada?

O percurso metodológico

A metodologia utilizada para a produção deste artigo é a de etnografia digital (Hine, 2020, Pink *et al.*, 2016). Os resultados apresentados são os

achados iniciais da pesquisa exploratória que vêm se desenvolvendo desde o ano de 2023.² Nossa proposta é realizar uma investigação que utilize a abordagem da etnografia digital e História Oral, associada a outros métodos, como entrevistas semiestruturadas por meio do Google *Forms*. Assim, há procedimentos já executados e outros que ainda realizaremos nos anos de 2024 e de 2025.

Hine (2020, p. 3-4) avalia que “A atual convenção etnográfica aceita que o etnógrafo tenha um lugar de destaque na história e o autor etnográfico vai chamar atenção para a natureza pessoal e contingente da descrição”. Ela considera que “Um etnógrafo, mesmo na era da Internet, continua a desenvolver uma forma distinta de conhecimento através do estar, fazer, aprender e praticar por uma associação próxima com aqueles que fazem o mesmo no decorrer de suas vidas cotidianas”.

Pink et al. (2016) entendem que a etnografia digital possibilita compreender como viver no mundo contemporâneo em cujo ambiente se articulam o digital, o sensorial e o material. Para esses autores, a etnografia digital se coloca além do simplismo da tradução de métodos e conceitos já tradicionalmente utilizados no *offline* e adaptados ao *online*, possibilitando o entendimento do cotidiano atual.

A compreensão do contemporâneo no qual estamos imersos – e que Luciano Floridi (2017) define como *onlife*,³ pois nele estamos simultaneamente *online* e *offline* – exige novas abordagens e métodos, posicionamentos e redirecionamentos da pesquisa. Isto porque muitas vezes nossas relações são mediadas pelos *smartphones* e não diretas com os indivíduos. Isso significa um contato digital no qual os nossos sentidos estão engajados, obrigando a “maior reflexividade em relação aos contextos de produção de conhecimento” (Pink et al., 2016, p. 4).

² A pesquisa conta com a autorização do grupo *Avanti Comunità*, por meio de um comunicado expresso no grupo feito e assinado pelo administrador no WhatsApp e no qual não ocorreu nenhuma contestação sobre sua realização.

³ Floridi (2017, p.125) sustenta que “Quando os limites entre a vida *“online”* e a *“offline”* são indistintos, e estão constantemente conectados uns aos outros” podemos defini-la como *onlife*. Para ele “A maneira como interagimos com os outros, cercados por objetos inteligentes que podem interagir conosco, então podemos dizer que estamos integrados ao mundo *‘onlife’*. O modo *‘onlife’* sustenta cada vez mais nossas atividades diárias e define a maneira como compramos, trabalhamos, aprendemos, cuidamos da nossa saúde, nos divertimos, cultivamos nossos relacionamentos; a maneira como interagimos com o mundo jurídico, financeiro e político; e até mesmo a maneira como guerreamos. Em todas as áreas da vida as TICs se tornaram *‘forças ambientais’*, criando e transformando nossas realidades”.

O entendimento do campo *onlife* nos direciona a uma compreensão da pesquisa interdisciplinar. Tal posição nos permite transitar entre as disciplinas das humanidades abordando categorias e relacionando variáveis que nos ajudem a iluminar nossos achados, sem renunciar ao rigor metodológico. Tal como entende Ponzanesi (2020) no debate sobre as questões migratórias e tecnológicas.

A complementar este ponto de vista de Ponzanesi, Penélope Papailias (2021) parte de uma análise de Raymond Williams sobre a televisão para discutir a experiência sensorial com a produção dos gêneros de mídias presentes nas plataformas digitais. A autora propõe olhar para estes novos formatos como “histórias de dados” com o objetivo de descobrir pistas que nos possibilitem melhor entender e contar as histórias atuais.

Apesar de não explorar a abordagem metodológica de Papailias (2021), compartilhamos sua compreensão da função comunicativa das histórias digitais, que, em sua perspectiva, supera a função documental. Partindo de Rubinstein e Sluis (2008), ela assegura que “o que está em jogo é aparecer para os outros e interagir na rede no presente e não criar um registro idealizado do passado futuro”. Argumenta, nesta direção, que ao criar as “histórias de dados, os sujeitos estão criando a si mesmos, suas subjetividades, relacionamentos e redes” (Papailias, 2021, p. 179).

Tal argumentação encontra eco nos estudos que vêm sendo realizados por Floridi (2022), e nos quais entende que vivemos de uma maneira hiper histórica. Ele avalia que “As TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) estão determinando cada vez mais o que acontece no dia a dia, ou seja, os *eventos históricos*; como lembramos e contamos o que acontece, ou seja, a *narração dos eventos*; e o que significa viver historicamente, ou seja, o próprio *conceito de história*” (Floridi, 2022, p. 119).

Em complementariedade a estas reflexões, José van Dijik (2007) introduz o conceito de memórias mediadas, entendendo-as como locais nos quais há o encontro entre o pessoal e o coletivo e que ao mesmo tempo interagem e se conflitam. Para a autora, por meio dessas interações, torna-se possível obter conhecimentos culturais sobre a constituição dos sujeitos no tempo histórico. Assim, e tendo como parâmetro a pergunta que conduz este artigo, podemos também refletir sobre como as memórias imaginadas da imigração estão presentes nas narrativas de identidade e pertencimento

produzidas no grupo *Avanti Comunità* que constituem o núcleo da expressão “*Noi Siamo La Storia*”.

Roy Wagner (2010) entende a identidade como uma construção ao longo da vida em interação com seus contextos culturais e sociais. Para ele há um processo de invenção e reinvenção, no qual os sujeitos participam, criando e negociando de acordo com os contextos culturais, sociais e pessoais, em constantes mudanças, nos quais estão inseridos. Ela se manifesta por meio de ações, discursos e práticas que refletirão as visões que esses sujeitos têm de si mesmos e do seu lugar no mundo. Processo que apreendemos nas mensagens do grupo.

Nos estudos sobre migração, as transformações na identidade são vistas como uma oportunidade de expansão que vai além da simples adaptação a uma nova cultura. Isso envolve um processo dinâmico de construção social do pertencimento. A identidade é moldada ao longo da história e se desenvolve por meio de negociações contínuas nas interações sociais, abrangendo a transição entre diferentes momentos (Portuguesis, 2021).

Enfatiza-se que pretendemos avaliar de forma mais complexa essas negociações por meio da História Oral, uma vez que esta se debruça sobre a alteridade. Disponibilizar dessa abordagem metodológica como fonte histórica, como uma fonte que fala é fundamental para que a história seja justa na sua narrativa sobre os sujeitos históricos e suas ações no processo histórico (Portelli, 2012). Acreditamos que a utilização futura de narrativas dos sujeitos potencializará os resultados destes primeiros achados da pesquisa.

O grupo *Avanti Comunità* é composto por brasileiros descendentes de imigrantes italianos residentes no Espírito Santo, em outros estados e em países europeus. Há também membros que são italianos natos e não descendentes. A interação é constante, com uma média mínima de 30 mensagens por dia, com uma participação mais intensiva de alguns membros do que de outros. A depender do assunto, há mais ou menos interação entre os membros. Com uma observação: há membros que estão se posicionando e interagindo no grupo, outros que o fazem pontualmente, bem como, aqueles que nunca se pronunciam.

As conversas giram sobre temas relacionados a questões sobre cultura, alimentação, cidadania, documentação, política capixaba, brasileira e italiana etc. Há postagens sobre fatos cotidianos que acontecem no Brasil, na Itália e

no Espírito Santo, sobre eventos familiares, festas folclóricas, religiosas, novenas, dentre outras. Muitas mensagens, às vezes, geram tensões entre seus membros. Especialmente quando estão relacionadas à polarização da política econômica brasileira e mundial e expressam opiniões ideológicas por parte dos membros.

A opção deste artigo pelo recorte da festa comemorativa aos 150 anos da imigração ocorre pela diversidade temática que permeia as trocas de mensagens do grupo. Com a proximidade das celebrações, que contou com a participação ativa de uma grande quantidade de membros, houve, desde janeiro de 2024, um centramento das postagens voltadas para o planejamento, organização e divulgação dos festejos, com uma circulação aproximada de mais de mil mensagens no período de janeiro a junho.

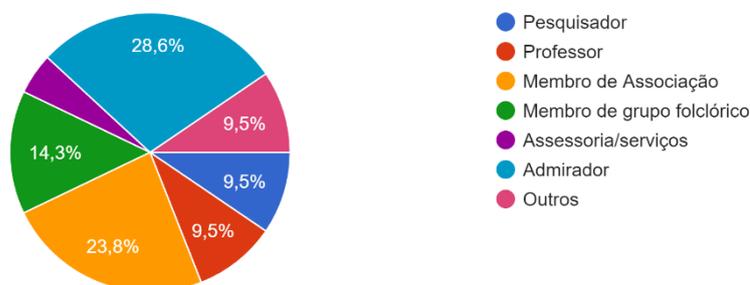
Uma síntese de como essas mensagens sobre as comemorações circulam, pode ser entendida a partir das seguintes maneiras: a) postagem de um texto ou imagem; b) imediatamente, uma sequência de várias postagens comentando a mensagem inicial ou as posteriores; c) realização de perguntas para tirar dúvidas da mensagem; c) repostagem do print inicial no próprio WhatsApp do grupo; d) encaminhamento do post para outras pessoas ou grupos; e) postagens da ou sobre a mensagem em outras mídias sociais digitais (Instagram, Tik Tok ou Facebook).

Pesquisa realizada pelo Google *Forms*, no *Avanti Comunità*, entre os dias 02 e 20 de maio de 2024, contou com a resposta de 21 participantes do grupo, identificou o perfil dos membros sinalizando que a maioria tem entre 33 e 88 anos. Desses, 57,1% têm cidadania italiana; e, 28,6% consideram preponderante participarem no grupo pela admiração que eles têm pela cultura italiana. Os demais por suas atividades, se apresentam como pesquisador, professor, membro de associação, membro de grupo folclórico, prestador de serviços/assessoria, outros, conforme podemos conferir no gráfico 01 a seguir.

Gráfico 01 - Perfil de relacionamento com a cultura italiana.

Em relação à cultura italiana no Espírito Santo, em qual ou quais dos perfis abaixo você se enquadra?

21 respostas



As motivações dos participantes para se engajarem no grupo são diversas e refletem uma gama de interesses e aspirações. Alguns expressam o desejo de se envolver nas atividades presenciais que celebram e promovem a cultura ítalo-brasileira, enquanto outros buscam manter-se informados sobre as iniciativas culturais relacionadas à comunidade italiana no Espírito Santo.

O interesse com relação a eventos comemorativos da imigração vem ganhando destaque no grupo nos últimos anos – apesar de não fazer parte do recorte temporal, como pesquisadoras que participam do grupo há mais de 3 anos, temos acompanhado o crescimento de divulgação dessas atividades – resultando, inclusive, na construção de um calendário anual de atividades e festejos da imigração italiana no Espírito Santo.

Também existe preocupação em acompanhar os movimentos na Itália, e dos deputados brasileiros eleitos naquele país, sobre a legislação da Cidadania para descendentes de imigrantes italianos. Esse ponto é sensível e envolve grande parcela dos participantes nos debates, e tem promovido questionamentos visando cobrar ações de apoio mais efetivos do Consulado italiano do Rio de Janeiro, no qual o Espírito Santo é vinculado, aos descendentes no Estado.

Há ainda aqueles que veem a participação no grupo como uma forma de fortalecer os laços com a comunidade italiana local e de se conectar com o que asseguram são suas próprias raízes italianas. Mas, no geral, as motivações estão intrinsecamente ligadas ao profundo sentimento de identidade e

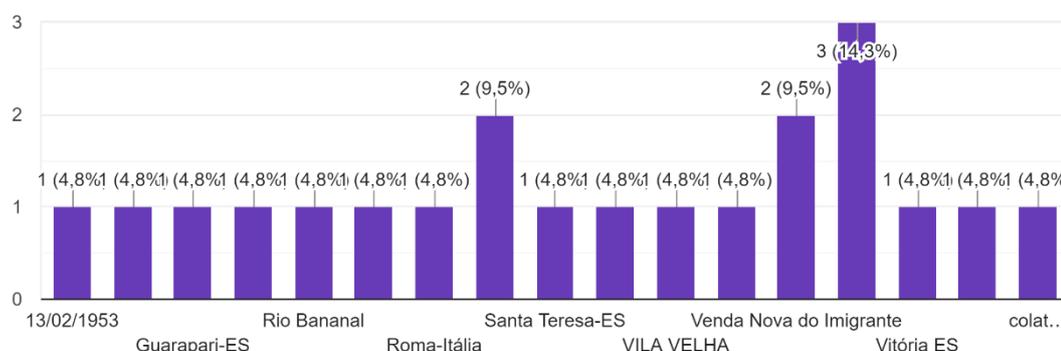
pertencimento com o que consideram ser a cultura italiana que permeiam suas vidas e visão de mundo.

Um dado que nos dá um indício deste sentimento de pertencimento é o local de nascimento. A maioria absoluta dos membros do grupo que responderam à pesquisa são nascidos no interior do Estado, conforme pode-se ver no gráfico 02 a seguir. É no interior que estão localizadas a maioria das associações italianas e onde acontecem a quase totalidades das festas e celebrações folclóricas de comemoração da imigração italiana no Espírito Santo.

Gráfico 02 - Local de nascimento dos membros do *Avanti Comunità*.

Local de nascimento

21 respostas



Contudo, a maioria que respondeu a essa pesquisa reside na Região Metropolitana da Grande Vitória atualmente.⁴ Também chama atenção entre os que participaram da pesquisa a resposta à questão sobre qual a expectativa que eles têm do grupo. Apesar de díspares na forma, percebemos que no conteúdo há muita proximidade. As respostas giram em torno dos seguintes pontos (aqui selecionamos quatro):

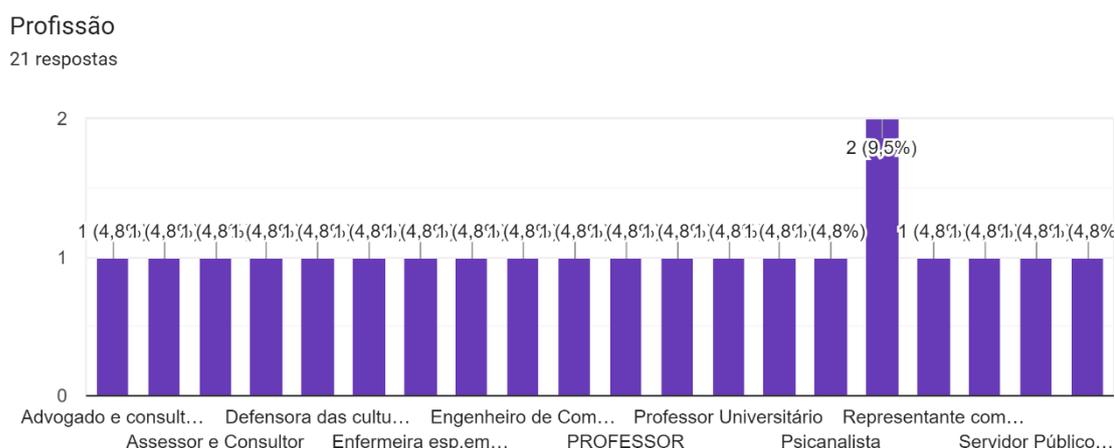
- a) Contribuir com aprimoramento de políticas públicas voltada à imigração italiana no Espírito Santo, especialmente voltadas à cultura e preservação do patrimônio; b) Seria interessante organizar eventos do grupo, como por exemplo jantares italianos para a participação de todos os membros do grupo. Sair do ambiente virtual e unir esses ítalo-

⁴ O processo de industrialização do Espírito Santo ocorreu a partir dos anos de 1980 e localizada na região da Grande Vitória, composta pelos municípios de Vitória, Serra, Cariacica, Vila Velha e Viana. Neste período houve um grande fluxo migratório do interior do estado para estes municípios. O que explica nascerem no interior e residir na Região Metropolitana da Grande Vitória.

brasileiros no mundo real; c) Que o grupo seja capaz de produzir ainda mais engajamento da comunidade ítalo-capixaba, que seja um difusor de aprendizado e de mais informações sobre a Itália e a cultura italiana no Espírito Santo e no Brasil; d) Que continuemos a nos comunicar, trocando informações acerca de fatos importantes do passado, do momento presente e programações futuras.

Sobre a profissão dos que responderam ao questionário, há uma ampla diversidade: desde advogados, engenheiros, professores, funcionários públicos, a consultores como pode-se conferir no gráfico 03 a seguir. As demais perguntas que constam no Google *Forms* são: lugar de residência; nome completo e pedido de autorização para utilização dele na pesquisa; há quanto tempo participa do grupo; se outros membros da família participam do grupo; como descreve a participação no grupo; se participa de associações italianas.

Gráfico 03 - Profissão dos participantes do grupo



A pesquisa foi divulgada e disponibilizada no próprio grupo no dia 02 de maio e feitos esforços em diferentes dias e horários da semana, para que os membros respondessem às questões. Nós entendemos que o reduzido retorno à pesquisa pode estar associado a fatores diversos: um cansaço à participação em pesquisas (o que pudemos observar em outros projetos que participamos), dificuldade de alguns com a ferramenta do Google *Forms*, desinteresse na participação etc.

O objetivo dessa pesquisa realizada pelo Google *Forms*, intentou inicialmente mostrar um perfil dos membros do grupo de WhatsApp, sem uma preocupação inicial sobre cor, sexo, gênero e classe social. Isso porque

entendemos que esses quesitos, essenciais para a discussão da etnicidade no presente, deveriam ser avaliados a posteriori junto com as entrevistas de História Oral.

No entanto, o nível de capilaridade apresentado pelo grupo para obter apoios financeiros e políticos para realização dos eventos e suas profissões, evidencia que a maioria dos membros é composta por pessoas da classe média e classe alta. Fato que não pode nos levar a supor o retrato de classe social dos descendentes de italianos no Estado sem uma pesquisa rigorosa.

Também ressaltamos, de antemão, que é enganoso inferir que todos os descendentes de imigrantes italianos no Espírito Santo são de cor branca. Os casamentos interétnicos com imigrantes ou descendentes de outros grupos europeus, sírios e libaneses, negros, indígenas, portugueses e migrantes nacionais foi bastante comum. Artigo publicado por Dadalto (2007) sobre uma listagem de mais de dois mil pedidos de cidadania do Espírito Santo encaminhada ao Consulado Geral da Itália no Rio de Janeiro demonstra a pluralidade de sobrenomes portugueses, espanhóis, sírios, libaneses, alemães, italianos etc.

Entretanto, esta justaposição (Berlink, Koltai, Canongia, 2001) que configura a babel constituída pelos grupos étnicos que se miscigenaram no Espírito Santo, não se apresenta na fala e representação simbólica de muitos descendentes. Esses não se veem como tais. Ao contrário, a inscrição como “italianos”, não importando a classe social, cor, sexo ou gênero a que pertencem, construiu uma realidade paralela aos dados estatísticos populacionais publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Tal fato, faz com que muitos⁵ digam, sem fundamento, que a “maioria da população capixaba é italiana.”

Entendemos que ao aprofundarmos a pesquisa realizando entrevistas a partir da metodologia da História Oral com membros do grupo de WhatsApp *Avanti Comunità*, participando dos festejos comemorativos de 150 anos da imigração italiana no Espírito Santo e mantendo o monitoramento da etnografia digital, aprofundaremos essa discussão. Até porque compreendemos que subliminarmente à narrativa “*Noi Siamo La Storia*” há uma disputa étnica simbólica em curso.

⁵ A generalização do uso de muitos aqui é proposital, uma vez que não possível quantificar este número de pessoas.

Situando historicamente a imigração no Espírito Santo

A presença de imigrantes vindos da península itálica para o Brasil é registrada por Sérgio Buarque de Holanda (2002) em seu livro *“A contribuição italiana para a formação do Brasil”* desde o início do processo colonizador. Contudo, são poucas as informações sobre a presença deste grupo no país no período anterior ao fluxo migratório europeu em massa no século XIX.

Ângelo Trento (1989) informa que nos anos de 1871 o censo consular catalogava a presença de 2.519 imigrantes italianos.⁶ Franco Cenni aponta a entrada, entre os anos de 1819 e 1947, de 1.513.15 de pessoas dos mais diferentes lugares da península Itálica, dialetos e profissões. A imigração italiana para o Brasil, teve início a partir dos anos de 1870, transformando-se em um fenômeno de massa anos depois, conforme relata Trento (1989).

O compasso da migração europeia se intensificou durante o final do século XIX e atingiu seu auge no início do século XX (Klein, 2000; Trento, 1989). A vinda dos imigrantes europeus, em sua maioria por meio de programas subvencionados economicamente pelo Império ou pelos Governos provinciais, atendia principalmente à demanda de suprir mão de obra de trabalho nas fazendas do café.

O fim do período da escravização, provocado sobretudo pela pressão internacional e o projeto político de embranquecimento da população, era elemento a fomentar a atração dos europeus que vivenciavam outros problemas. Geralda Seyferth (2000, p. 309) assegura que “tratava-se, portanto, de um sistema de povoamento de territórios considerados ‘vazios demográficos’, com o objetivo de promover uma agricultura baseada na pequena propriedade familiar”.

Renzo Grosseli (2008) assegura que a imigração italiana para o Brasil teve início com a chegada da Expedição de Pietro Tabacchi, em 21 de fevereiro de 1874, no Espírito Santo. Os imigrantes, 388 camponeses vindos das regiões do Trento e do Vêneto, fizeram o trajeto no navio à vela “La Sofia”. Na fotografia a seguir encontra-se uma representação de uma família vinda nesse grupo

⁶ No Espírito Santo, Maria Stella de Novaes (1988) registra, o ano de 1840, como aquele em que se identifica a presença do genovês Giuseppe Ballestrero, como a primeira presença italiana fixada no Estado, mais especificamente no núcleo açoriano de Viana.

disponibilizada na página oficial do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES).

Figura 01 - Imigrantes italianos no Espírito Santo.



Fonte: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.
Disponível em: <https://ape.es.gov.br> Acesso em: 15.05.2024

A colonização e o crescimento socioeconômico e demográfico do Espírito Santo ocorreram de uma forma bastante *sui generis* se comparado às demais províncias da região Sudeste. Segundo Almada (1984) somente com a expansão da produção da cultura do café há a mudança demográfica na Província do Espírito Santo que se dá, tanto com a quase duplicação das populações livre e cativa no período de 1856 a 1872, que passa de 49.092 habitantes para 81.889 habitantes, quanto com a imigração de europeus e a migração de brasileiros.

Até a primeira metade do século XIX o Espírito Santo era povoado na região litorânea e localizada de forma esparsa, sendo o interior ainda constituído por densas florestas e habitado por diferentes etnias indígenas. Foi após o início do fluxo migratório internacional e nacional, com a expansão da lavoura cafeeira e com o desmatamento da Mata Atlântica, que tem início o processo de colonização mais intensivo. Ele tem seu marco na porção Sul, com a fixação de fazendeiros e migrantes nacionais do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. E nas regiões Central e Norte com o estabelecimento de estrangeiros, sobretudo aqueles vindos da Europa.

No princípio do processo imigratório, os recém-chegados eram localizados em colônias e recebiam pequenos lotes de terras para produção.

O contexto de fixação dos imigrantes se alterou com o fim da escravização; situação em que passaram a ser assentados nas fazendas para atuar como trabalhadores rurais. A quantidade de imigrantes que ingressou no Espírito Santo entre os anos de 1847 e 1900, foi de um total de 44.510, a maioria italianos.

Os primeiros imigrantes⁷ a serem estabelecidos tinham origem alemã, pomerana (registrados em geral como alemães) e polonesa. Em sequência vieram italianos, suíços, holandeses, libaneses, sírios, espanhóis dentre outros, não nesta ordem exatamente. Mas portugueses, negros africanos escravizados e libertos e indígenas já estruturavam a matriz da população capixaba (Dadalto, 2020).

A partir da ocupação do território das Colônias foram formados pequenos núcleos de povoamento, denominado pelos descendentes como “colônias,” pelos próprios ocupantes dos assentamentos à medida que se aclimatavam e melhor conheciam o lugar. Mas em princípio as famílias eram estabelecidas nas terras definidas pelo Serviço de Medição e Divisão de Terras e sem que pudessem fazer suas escolhas.

Luiz Busatto (1978) esclarece que a primeira grande leva de imigrantes fixada no Espírito Santo, entre os anos de 1874 e 1882, foi acomodada em um núcleo compacto, por diferentes grupos étnicos de europeus e não europeus. O período de 1885 a 1895 é marcado pela instalação de famílias italianas, em geral estabelecidas em contingentes menores em locais mais distantes dos centros comerciais.

Em julho de 1895, após a produção de um relatório pelo Cônsul Carlo Nagar,⁸ o Governo italiano proibiu a emigração para o Espírito Santo. Fato que não impediu que imigrantes continuassem a chegar no Estado. Mas o esgotamento da produtividade das terras, a libertação dos escravizados, e

⁷ Os primeiros imigrantes foram assentados na colônia de Santa Izabel em 1847. Em 1855, foi fundada a colônia de Rio Novo, uma empreitada particular. A colônia de Santa Leopoldina foi fundada em 1857. Em 1874 o Governo criou mais dois estabelecimentos ligados à colônia de Santa Leopoldina: núcleo Timbuy e núcleo Santa Cruz. Ambos povoados predominantemente por italianos. Por fim, foi criado o núcleo de Castelo, em 1880.

⁸A proibição à imigração para o Espírito Santo do Governo italiano tem como motivação as condições a que eram submetidos os imigrantes ao chegar no Espírito Santo: a más condições de transporte da capital para os núcleos coloniais ou fazendas; o longo tempo em que os imigrantes tinham de permanecer nos barracões enquanto aguardavam a medição dos lotes; carestia de gêneros alimentícios no interior e a falta de assistência médica, escolar e religiosa para os imigrantes. Aliado a esses fatores houve ainda o aparecimento de febres palustres, que vitimaram muitos imigrantes. Contudo, até abril de 1896 aportaram em Vitória inúmeros vapores trazendo imigrantes italianos.

ações governamentais de exploração do território Norte e Noroeste, ainda coberto de florestas, promoveram uma mudança na estrutura socioeconômica, territorial e demográfica até então em curso com um intenso movimento transmigratório intrarregional.

Aurélia Castiglione (1989) elaborou um inventário sobre as famílias de imigrantes italianos para o Espírito Santo. Nele, indica que a maioria absoluta dos imigrantes se estabelecia com a família; o pai era quem decidia a emigração; o nível de instrução era baixo e a faixa etária em que se encontravam estava, em geral, acima dos 38 anos. Prevalciam grupos compostos por 4,4 pessoas, que iam desde bebês aos avós. Mas também incorporavam outros parentes, afilhados e amigos no processo imigratório.

O levantamento produzido por Castiglione (1989) demonstrou ainda que foi pequeno o percentual daqueles que chegavam sozinhos: 6,18% do total, e, mesmo assim, vinham, após o estabelecimento da família. Entre as profissões declaradas na chegada, preponderaram os agricultores: 72,95%. Há uma prevalência no estado de descendentes da região do Veneto, principalmente das províncias de Verona, Treviso e Vicenza; da província de Pavia, na Lombardia; Emilia-Romagna; no Piemonte, da província de Alessandria; e da província do Trento, no Trentino-Alto Adige.

A respeito da procedência regional dos imigrantes italianos, deve-se ressaltar às predileções, destacadas pelos fazendeiros, por trabalhadores setentrionais: “vênetos e lombardos, devido à sua parcimônia, frugalidade e, sobretudo, docilidade” (Trento, 1989, p. 41). Segundo Silvia Bassanezi (1995) a corrente imigratória italiana no Brasil revelou as seguintes especificidades: houve o predomínio da imigração familiar e a região do Vêneto foi a que mais forneceu imigrantes.

Em suas glebas de terras, os imigrantes empregavam a capacidade de atividade de todos os membros da família, em geral numerosa, que compartilhavam a mesma propriedade, expandindo-a, antes de dividi-la entre os homens, geralmente quando estes se casavam. Isto porque, normalmente, os filhos só se emancipavam depois de casados. Apesar de que, todos continuavam trabalhando na mesma terra, e, junto à casa patriarcal, iam surgindo as residências das novas famílias constituídas.

Os casamentos eram realizados entre imigrantes e descendentes com outros imigrantes e descendentes italianos, alemães, portugueses, poloneses,

sírios e libaneses. Também se casaram com brasileiros migrantes vindos de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Ceará, com negros e indígenas – em quantidade menor, especialmente no período inicial do assentamento, entre os membros da primeira geração.

Antônia Colbari (1997) sustenta que o trabalho, a religião, o lazer e a diversidade de formas de sociabilidade, com suporte na família, eram os elementos estruturantes do cotidiano dos imigrantes. Estes valores, fundados numa moralidade comunitária, pautava as ações dos grupos, que na sua avaliação, sobreviviam ao individualismo. De modo que era comum que as habilidades artesanais fossem utilizadas como contributos na construção de casas, igrejas, por exemplo; também era comum a cooperação nas dificuldades de colheita etc. (Dadalto, 2007).

Na década de 1960, as famílias descendentes de imigrantes italianos, muitos miscigenados, já estavam estabelecidas em praticamente todo o território geográfico capixaba e, em grande parte, sobreviviam da agricultura cafeeira, vivenciaram o programa de erradicação da lavoura realizado pelo Governo Federal. Tal fato, provocou a reestruturação na economia do estado que se estabeleceria em outras bases e promovendo um intenso processo migratório.

De modo que uma enorme parcela desses descendentes de imigrantes italianos deixou suas terras se instalando na região urbana. Os censos do IBGE nos dão a medida deste processo: até 1960 cerca de 80% da população espírito-santense residiam na área rural; na década 1990 permaneceram no campo apenas 20%. Contexto que envolveu milhares de pequenos produtores agrícolas, que mantinham um sistema produtivo familiar em todo o estado do Espírito Santo (Dadalto, Dota, 2023).

Identidade e Pertencimento no “Avanti Comunità”

De acordo com Saskia Wittebom (2019, p. 180) “o espaço digital faz parte das bases corporificadas, discursivas e materiais nas quais a memória, a história e os imaginários podem encontrar seu arquivamento, representação e negociação”. Neste sentido, entendemos que as postagens de texto e imagem e as práticas de uso que determinados membros do grupo *Avanti*

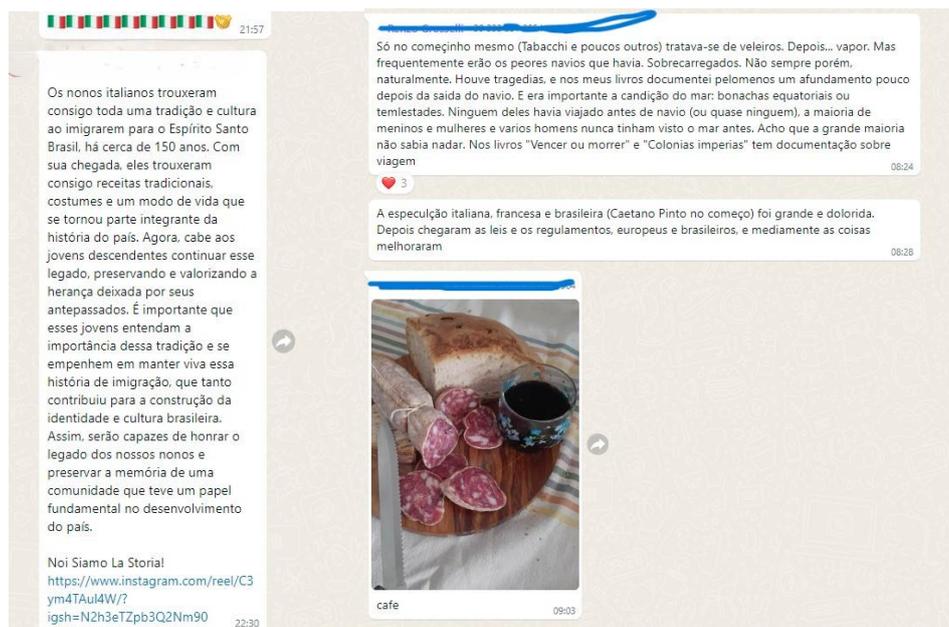
Comunità fazem deles são instrumentos importantes de distinção, circulação de ideias e disputa de poder.

Uma narrativa predominante no grupo é a da italianidade, refletida no forte sentimento de pertencimento identitário imaginado à península itálica dos antepassados. Isto ocorre, independentemente da justaposição multiétnica construída no cotidiano das cidades, das experiências em comum, dos processos de trocas e das tensões estabelecidas. Tal narrativa vai ao encontro da perspectiva de Marcos Saquet (2010) ao enfatizar que as relações sociais se materializam e se reproduzem.

No *Avanti Comunità* percebemos a etnicidade sendo negociada e renegociada como valor de branquitude. Assim, a identidade "italiana" é um componente fundamental na constituição do território simbólico-cultural desse grupo, pois resulta da combinação dos processos histórico e relacional. De acordo com Seyferth (2000), a etnicidade descreve a qualidade ou afiliação étnica e constitui uma categoria social que representa a condição de pertencimento a um grupo étnico. É uma característica compartilhada conscientemente pelos membros desse grupo e desempenha um papel crucial na demarcação de uma identidade singular.

Ao analisarmos os *posts* compartilhados no WhatsApp *Avanti Comunità*, percebemos que o conceito de "comunidade" adquire uma relevância significativa. É evidente a tentativa de reinvenção da tradição com a frequente recorrência à construção narrativa "*Noi Siamo la Storia*", que é repetida inúmeras vezes e por uma variedade de motivos, como ilustrado nos *posts* a seguir.

Figuras 02 e 03 - As histórias e os imaginários.



Fonte: Grupo de WhatsApp *Avanti Comunità* (publicado em 20/02/2024)

Na Figura 02, o *post* trata de um comentário sobre a comemoração aos 150 anos da imigração italiana no Brasil feito por um dos membros do grupo e na figura 03, a divulgação de um evento comemorativo no interior do estado. Ambos remetem ao processo de constituição histórico sociocultural das famílias de imigrantes e descendentes estabelecidos no Espírito Santo. O que nos possibilita entender o grupo como uma construção diaspórica virtual imaginada, uma vez que mantém relevante as principais características do conceito de diáspora.

Para esses membros que produziram os *posts* a importância da alimentação ganha destaque. Na figura 02 o responsável pela postagem remete às receitas tradicionais, associadas aos costumes e modo de vida para valorizar a história social dos antepassados. No outro, a pessoa que postou considerou suficiente produzir uma foto com pão, *socol* – especialidade produzida na região das montanhas Sul do estado por descendentes de imigrantes – e um copo de café para representar o valor e a manutenção da herança de seus “*nonos e nonas*”.

Para James Clifford (1994, p. 305) algumas características da diáspora são: a história de dispersão, os mitos e memórias de terra natal, a alimentação no país anfitrião, o desejo de eventual retorno, o apoio contínuo à terra natal e uma identidade coletiva definida de forma importante por esse

relacionamento. O autor aponta, inclusive, a necessidade de se ter cuidado com classificações tipo ideal.

Johnson (2012, p. 47) entende que: “as comunidades da diáspora podem existir no ciberespaço, em um local físico ou, como Benedict Anderson (1993) argumentaria, por meio de uma imaginação compartilhada”. Para abraçar esta compreensão devemos levar em conta que os membros do *Avanti Comunità* têm a memória coletiva da imigração e um mito sobre a terra natal, incluindo sua localização, história e conquistas. Estes elementos são apresentados fartamente no grupo, como demonstramos nos *posts* a seguir.

Figura 04 - Folder divulgação evento 150 anos da imigração.



Fonte: Grupo de WhatsApp *Avanti Comunità*, publicado em 25/03/2024.

Johnson (2012, p. 48) alerta para a importância da discussão da identidade na diáspora, pois é ela quem facilita o envolvimento ativo na comunidade e sustenta os laços e vínculos que seus membros formam entre si. A estudiosa entende que elas: “são formadas como resultado de experiências cotidianas, histórias contadas, comunicação e interação com outras pessoas da terra natal comum”.

Assim, a frase “*Noi Siamo La Storia*”, compreendida como uma narrativa identitária expressa nos *posts*, indica que ela contém um valor

político. Isto, assegura Landowski (1992, p.10), “tratar-se-á, para nós, antes de tudo, de dar conta do discurso do ponto de vista da sua capacidade de ‘agir’ e de ‘fazer agir’, moldando e, na maior parte dos casos, modificando as relações entre os agentes que ele envolve”. Fato que, na considera do autor, acontece à revelia dos valores que são transmitidos.

Landowski (1992) avalia o espaço de circulação das mensagens como um lugar no qual há interação entre os sujeitos e que neles há, muita vez, reconhecimento. A partir dessa premissa podemos inferir que “*Noi Siamo La Storia*” compartilha um sentido de experiências da história de assentamento e construção da vida cotidiana das famílias de imigrantes e seus descendentes no Espírito Santo. Reforçando e validando, dessa forma, um sentimento de italianidade diaspórico imaginado conforme podemos conferir nos *posts* a seguir:

Figuras 05 e 06 - A narrativa *Noi Siamo La Storia*.



Fonte: Grupo de WhatsApp *Avanti Comunità*, publicado em 15/04/2024

Interessante observar, que a utilização de “*Noi Siamo La Storia*” possibilita também que os sujeitos do grupo, ao se reconhecerem como partícipes de uma mesma história coletiva, se engajem no projeto de Comemoração dos 150 anos de Imigração Italiana no Brasil e sejam solidários nas atividades culturais. Ao mesmo tempo em que espriam esta narrativa para aqueles que não são membros do *Avanti Comunità*, sendo esses

descendentes ou não. Este processo ficou claro durante o período na divulgação dos eventos dos grupos folclóricos, na construção do calendário de festas anual comemorativo, na caminhada do imigrante etc., conforme vemos nos posts a seguir.⁹

Figuras 07 e 08 - Conversas sobre o planejamento da Comemoração aos 150 anos

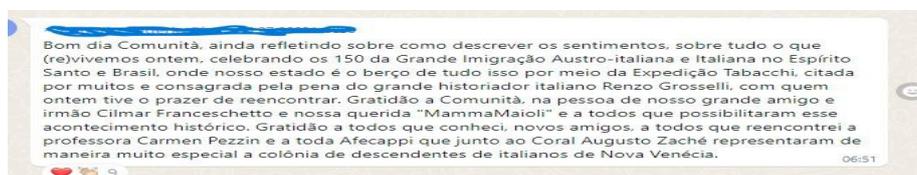


Fonte: Grupo de WhatsApp *Avanti Comunità*, publicado em 25/04/2024

O primeiro evento realizado foi em 17 de fevereiro de 2024, data referente à chegada da primeira leva de imigrantes italianos no Espírito Santo por meio da expedição de Pietro Tabachi. Realizado na área conhecida como Praça do Papa, no centro da capital Vitória, muitos membros do grupo foram vestidos com roupas que rememoravam as antigas famílias que chegaram no porto, com malas, véus e bengalas. Ideia que surgiu e foi divulgada no próprio grupo de WhatsApp por um dos membros. Nas figuras 09 e 10, a seguir, reproduzimos fotografias do evento e da repercussão no próprio grupo.

⁹ O grupo de WhatsApp construiu um calendário no qual divulga todas as festas comemorativas ao dia do Imigrante Italiano nos municípios ou outras atividades que remetam à esta etnicidade. Exemplos: Caminhada do Imigrante, Caminhada do Cappellette etc.

Figuras 09 e 10 - Evento comemorativo chegada das famílias de imigrantes



Fonte: Grupo de WhatsApp *Avanti Comunità*, publicado em 18/02/2024.

A narrativa "*Noi Siamo La Storia*" assume, em nosso ponto de vista, o que Herbert Gans (1979, p. 1) define como etnicidade simbólica. Para o autor, "uma etnia de último recurso que, no entanto, pode persistir por gerações". Isto porque Gans entende que, entre os descendentes dos imigrantes que vieram para a América no período que denomina "nova imigração" – no Brasil podemos situar o século XIX – está ocorrendo um engajamento étnico cuja ênfase é o sentimento étnico de ser italiano, alemão, pomerano, polonês etc.

A adesão a este sentimento étnico simbólico se expressa em formas diversas e são representados também na divulgação dos eventos comemorativos aos 150 anos da Imigração Italiana e em outras atividades promovidas por descendentes. A exemplo podemos citar, a utilização de

roupas folclóricas dos grupos de dança, música e corais; a produção da polenta em panelas de ferro, tal como os antigos migrantes faziam, dentre outros.

Contudo, importante ressaltar que esta simbologia não é exclusiva dos eventos. Ela está presente nas inúmeras comemorações anuais que são realizadas pelos grupos e associações étnicas italianas – ou alemãs, pomeranas, polonesas etc. – no Espírito Santo. Com base na visão de Gans (1979), como os brasileiros descendentes de imigrantes estão expondo visualmente mais os símbolos étnicos para salientar sua identidade há uma percepção de renascimento deste movimento, mas que pode significar um fenômeno de longa duração.¹⁰ E que no seu ponto de vista deriva de uma afiliação étnica simbólica. É fundamental reconhecer que as identidades étnicas não se restringem às interações com outros grupos, mas também incorporam elementos cruciais relacionados às dinâmicas internas do próprio grupo étnico.

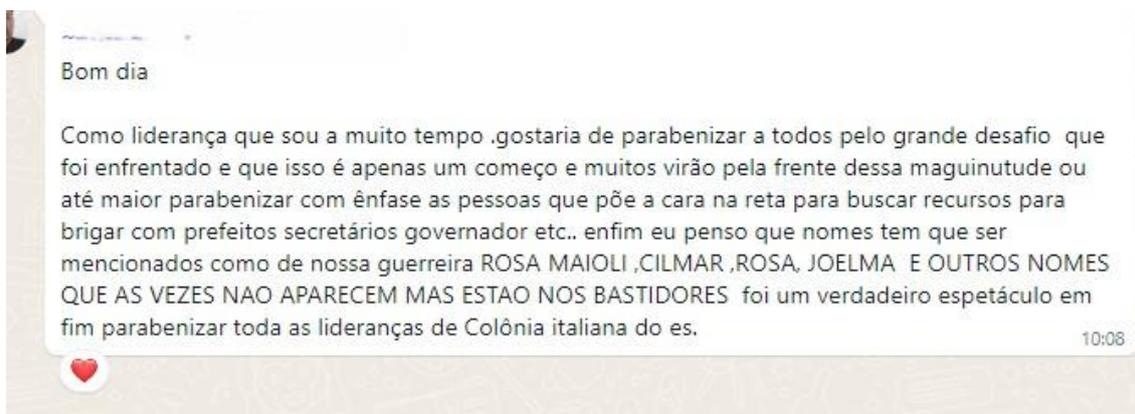
Ao observarmos no grupo de WhatsApp a divulgação dos eventos comemorativos à imigração italiana no Espírito Santo, verificamos que há muitos que acontecem desde o final do século XX e compõem o calendário de festejos municipal e estadual. A exemplo, a Festa da Polenta do município de Venda Nova do Imigrante que ocorre desde 1979, e a Festa do Imigrante Italiano de Santa Teresa, que neste ano de 2024 completou a trigésima terceira edição.

Gans (1979, p. 6) destaca que esta visibilidade étnica está relacionada a outra: as mudanças que ocorreram entre os descendentes de imigrantes de terceira e quartas gerações, membros da classe média, e que eram (ou são ainda) pouco estudados por cientistas sociais. São eles os promotores deste movimento que mantém uma “lembrança ancestral ou uma tradição exótica”.

De fato, podemos observar a questão de classe presente neste caso, e aqui no caso específico da Festa de Comemoração aos 150 anos da Imigração Italiana no Espírito Santo. Mensagens postadas no grupo durante o evento comemorativo, como demonstra o *post* a seguir (Figura 11), reforça o entendimento de Gans sobre a relevância da questão de classe para obter estes benefícios para realização destes movimentos.

¹⁰ No artigo Gans faz uma importante discussão sobre este fenômeno e defende que a aculturação e assimilação continuam a ocorrer, perspectiva que discordamos em vários pontos, mas que não é nosso foco aqui.

Figura 11 - Uma vista do resultado da festa dos 150 anos.



Fonte: Grupo de WhatsApp Avanti Comunità, publicado em 03/06/2024.

Isto porque para a organização e realização dos festejos, o grupo conseguiu mobilizar, em termos de suporte financeiro, apoios de instituições e pessoas públicas e empresas privadas. A exemplo, a divulgação da Festa da Cultura Italiana realizada nos dias 31 de maio e 01 e 02 de junho de 2024, pelo governador do Estado Renato Casagrande, em vídeo postado nas plataformas das redes sociais do governo do Estado. Este acionamento de agentes públicos e privados exige de quem os realiza capital social, econômico ou político. Fato que demonstra uma penetração social importante de parte dos membros do grupo.

Ademais, a narrativa "*Noi Siamo La Storia*", com a mobilização de divulgação que foi exercida por diferentes sujeitos, membros ou não do grupo de WhatsApp *Avanti Comunità*, transbordou da plataforma e se tornou retórica corrente entre a população. Podemos entender que esta extrapolação está relacionada a vários fatores, como a própria divulgação do evento, mas também às propriedades inerentes à plataforma.

Neste sentido, a prática de uso do WhatsApp também permitiu aos organizadores do evento a potencialização da construção, divulgação e monitoramento da aceitação da narrativa. À medida em que acontecimentos celebrativos e festas municipais comemorativas à imigração italiana iam ocorrendo e sendo postados no grupo *Avanti Comunità*, mais comentários e adesão obtinha. Aumentava-se o engajamento dos seus membros e de outros sujeitos externos, conforme era disseminada a ideia.

Assim, a narrativa “*Noi Siamo La Storia*” pode ser entendida como uma forma de etnicidade simbólica, na qual a identidade é construída e reforçada por símbolos e práticas que evocam a nostalgia por um passado compartilhado. Essa construção identitária permite que os membros do grupo se conectem emocionalmente com suas raízes, celebrando tradições, costumes e a história da imigração italiana. No entanto, essa valorização do passado pode, paradoxalmente, obscurecer as realidades sociais contemporâneas enfrentadas por esses sujeitos.

À guisa da conclusão inicial

Este artigo apresentou uma análise sobre a imigração e a construção do pertencimento identitário entre os brasileiros descendentes de italianos, enfocando o grupo *Avanti Comunità*. Através da expressão da narrativa “*Noi Siamo La Storia*”, ficou evidente como essa construção imaginária da etnicidade não apenas celebra a identidade italiana, mas também silencia outras etnias e experiências que compõem a rica tapeçaria social do Espírito Santo.

Essa construção imaginária da etnicidade, sustentada por postagens e interações, exemplifica como as memórias coletivas e as tradições se entrelaçam para formar uma identidade coesa e nostálgica, muitas vezes idealizada. Dessa forma, a utilização do espaço digital, como o WhatsApp, se revela fundamental para a reinvenção da tradição e para a manutenção de laços culturais.

A ênfase na italianidade, manifestada em eventos comemorativos e práticas culturais, fortalece um sentimento de pertencimento compartilhado entre os membros do grupo *Avanti Comunità*. A mobilização de capital social e econômico demonstra sua penetração social e as estratégias para reforçar suas narrativas identitárias. Ao engajar instituições públicas e privadas em celebrações como os 150 anos da imigração italiana no Espírito Santo, os membros evidenciam a relevância de suas redes de contatos na promoção da italianidade e da memória coletiva. Esse apoio institucional reflete a influência que esses descendentes exercem em suas comunidades, traduzindo-se na mobilização de recursos financeiros e logísticos e ressaltando o valor simbólico da celebração de sua herança cultural.

No entanto, essa narrativa, embora empoderadora para os descendentes italianos, também é excludente, pois não considera a contribuição de outras etnias que também moldaram a identidade cultural do Estado. Bem como, a construção de um espaço comunitário que valoriza a história italiana, ao mesmo tempo, desconsidera as histórias e vivências de outros grupos, como os descendentes de africanos, povos originários e outras comunidades imigrantes, que coexistem no Espírito Santo.

Ao focar na glorificação da herança cultural, a narrativa “*Noi Siamo La Storia*” tende a silenciar as complexidades e desafios que permeiam a vida atual dos membros do grupo, como a diversidade étnica, as dinâmicas de classe e as questões de raça. Assim, enquanto a nostalgia por um passado idealizado pode fortalecer os laços comunitários e proporcionar um senso de pertencimento, ela também pode criar uma visão limitada da identidade, que não leva em conta as nuances da experiência contemporânea.

Além disso, a utilização de símbolos e práticas que remetem à italianidade pode reforçar uma exclusividade, favorecendo uma narrativa que prioriza uma identidade homogênea e frequentemente branca, em detrimento de outras etnias e histórias que também fazem parte da formação cultural do Espírito Santo. Dessa forma, a celebração da italianidade pode perpetuar um processo de poder que promove o esquecimento ou marginalização das identidades que coexistem nessa sociedade plural.

Portanto, a narrativa “*Noi Siamo La Storia*” representa um fenômeno complexo que exige uma reflexão crítica sobre como essa narrativa se relaciona com as realidades sociais contemporâneas e as diversas vozes que compõem a identidade brasileira. A relevância deste artigo no contexto atual de comemorações de grupos imigrantes é significativa, especialmente em um Brasil marcado por sua diversidade cultural, pelo racismo estrutural e pela busca constante de reconhecimento identitário.

Ao investigar a narrativa “*Noi Siamo La Storia*” dentro *Avanti Comunità*, a pesquisa não apenas documenta as práticas de valorização da herança italiana no grupo, mas também lança luz sobre as dinâmicas de pertencimento que emergem dessas celebrações. Em um cenário em que a memória e a identidade estão em constante tensão e reconfiguração, compreender como descendentes de imigrantes, em grande parte

miscigenados, se engajam na celebração de suas raízes culturais é fundamental.

Este estudo contribui para o debate contemporâneo ao mostrar que as comemorações não são apenas eventos festivos, mas também arenas de construção e negociação de identidades. Ao analisar como essas celebrações se articulam com a mobilização de capital social e econômico, a pesquisa revela o papel ativo dos descendentes na formação de uma identidade coletiva que, embora enraizada no passado, se relaciona com questões sociais contemporâneas.

Há um sentimento de pertencimento identitário entre os brasileiros descendentes que perpassa os membros do grupo *Avanti Comunità* e o extrapola. Muitos se sentem efetivamente italianos, ignorando conscientemente toda trajetória individual e coletiva familiar no Espírito Santo, cuja miscigenação e justaposição étnica, sobretudo dos descendentes de terceira geração em diante, revela forte expressão de diversidade.

Aliás, a narrativa "*Noi Siamo La Storia*" ignora não somente a trajetória migratória das famílias italianas e descendentes, mas também a de outras etnias. Ou de modo mais complexo, a própria história do Espírito Santo passada e presente. Por outro lado, dá suporte ao nosso pressuposto de que o grupo se configura como uma diáspora digital imaginada.

Ao associar o conceito de etnia simbólica percebemos uma potencialização deste processo analítico. Esta tensão tem sua gênese na própria história da política imigrantista brasileira e sempre permeou as relações estruturantes da sociedade espírito-santense e brasileira. Portanto, tem centralidade na narrativa. Contudo, dado os objetivos e limites deste artigo e a necessidade de amadurecimento das categorias e variáveis levantadas, optamos por não trazer as questões de embranquecimento e branquitude para o foco do debate aqui produzido à exaustão. Apesar de termos claro a importância das questões que envolvem o tema de raça no debate nacional e regional capixaba.

Referências

ALMADA, V. **Escravismo e transição**: o Espírito Santo (1850-1888). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BASSANEZI, M. S. B. Imigrações Internacionais no Brasil: um panorama histórico. PATARRA, N. L. (Org) **Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP-1995. v. 1 p. 3-35.

BERLINCK, M. T.; KOLTAI, C.; CANONGIA, A. I. Esquizofrenia e miscigenação. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, IV, 4, p.11-29, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/b5f4hP9xX4NMpQPj67QkkVw/> Acesso em: 24 jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1415-47142001004002>

BUSATTO, L. A insurreição branca. **UFES Revista de Cultura**, Vitória, Fundação Ceciliano Abel de Almeida, n° 8, p. 5-10,1978.

CASTIGLIONI, A. **Migration, urbanisation et développement: le cas del ´Espírito Santo – Brésil**. Buxelas: Ciaco, 1989.

COLBARI, A. Familismo e ética do trabalho: O legado dos imigrantes italianos para a cultura brasileira. **Revista Brasileira de História**, vol.17, n. 34, p. 53-74, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/nbvLpGSVNHZSDBQtCb4qFz/>. Acesso em: 14 jun.2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-01881997000200003>

CLIFFORD, J. Diasporas. **Cultural Anthropology**, vol. 9, n. 3, p. 302-338, 1994. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/i226887> Acesso em: 23. mar. 2024.

DADALTO, M. C. Nós, o outro e os outros: a constituição multiétnica capixaba no caldeirão cultural do Espírito Santo, Brasil. **Diaspore 12**. Venezia: Edizioni Ca ´ Foscari, p. 93-112, 2020. Disponível em: <https://iris.unive.it/handle/10278/3725791>. Acesso em: 23 mai. 2023. DOI: <http://10.30687/978-88-6969-396-0/009>

DADALTO, M. C. Os rastros da diversidade da identidade capixaba. **SINAIS - Revista Eletrônica**, n.01, v.1, p.57-74, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/sinais/article/view/2680>. Acesso em: 13 abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.25067/s.vi1i01.2680>.

DADALTO, M. C.; DOTA, E. M. Ciclos econômicos e migração no Espírito Santo do século XIX ao XXI: novos contextos, velhos condicionantes. **Revista Ágora**, v. 34, n. 3, p. 1-25, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/40175> Acesso em: 12 abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.47456/e-2023340304>.

FLORIDI, L. **La quarta rivoluzione: come l'infosfera sta trasformando il mondo**. Milano: Cortina, 2017. 312 p.

FLORIDI, L. **In poche battute**. Brevi riflessioni su cultura e digitale 2011-2021. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3998228 Acesso em 15 mai. 2024.

HINE, C. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. **Cadernos de Campo** (São Paulo, online), vol. 29, n.2, p.1-42, 2020. Tradução: Parreiras, C.; Lins, B. A. Revisão técnica: Valente, J. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/181370> Acesso em: 12 jun. 2024. DOI: <http://10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe181370>.

GANS, H. J. Symbolic ethnicity: the future of ethnic groups and cultures in America. **Ethnic and Racial Studies**, v.2, n.1, p.1-20, 1979. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/toc/rers20/2/1>. Acesso em: 22 mai. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/01419870.1979.9993248>

HOLANDA, S. B. **A contribuição italiana para a formação do Brasil**. (Organização e tradução de Andréia Guerini). Florianópolis: NUT/NEIITA/UFSC, 2002.

GRĂDINARU, C. The Technological Expansion of Sociability: Virtual Communities as Imagined Communities. **Academicus: International Scientific Journal**, 14, 2016, p.181-190. Disponível em: <https://academicus.edu.al/nr14/Academicus-MMXVI-14-181-190.pdf> Acesso em: 13 jun. 2024.

GROSSELLI, R. M. **Colônias imperiais na Terra do Café**: Camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008. Coleção Canaã, v.6.

JOHNSON, C. N. Global Journeys: From Transnationalism to Diaspora. **Journal of International and Global Studies**, v.4, n. 1. p. 41-58, 2012. Disponível em: <https://digitalcommons.lindenwood.edu/jigs/vol4/iss1/4/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

KLEIN, H. Migração Internacional na História das Américas. In: FAUSTO, B. (org). **Fazer a América**. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000, p. 12-32.

PAPAILIAS, P. 'Data-stories for post-ethnography', **Entanglements**, v. 4, n.1, p.176-198, 2021. Disponível em: <https://entanglementsjournal.wordpress.com/wp-content/uploads/2021/09/data-stories-for-post-ethnography.pdf> Acesso em: 15 mar. 2024.

PINK, S. *et al.* **Digital ethnography**: principles and practice. 1ª Edition. London: Sage Ltda, 2016.

PONZANESI, S. Digital Diasporas: Postcoloniality, Media and Affect. **Interventions**, v. 22, n.8, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/1369801X.2020.1718537> Acesso em: 18 mai 2024.

PORTELLI, A. O que faz a História Oral diferente. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 14, p. 25-39. 2012. Tradução: RIBEIRO, M. T. J.; Revisão técnica: FENELÓN, D. R. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233> Acesso em: 12 nov de 2023.

PORTUGUEIS, D. Mobilidade transnacional de ítalo-brasileiros de Urussanga-SC para a Alemanha: políticas de identidade, liminaridade e práticas entre lugares. **Périplos: Revista de Investigación sobre Migraciones**, v. 5, n. 2, 2021, p. 36-61. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/article/view/36910. Acesso em: nov. de 2023.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. 2. edição. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SEYFERTH, G. A colonização Alemã no Brasil: Etnicidade e Conflito. *In*: FAUSTO, B. (org). **Fazer a América**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

TRENTO, A. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989.

VERTOTEC, S. Conceiving and researching transnationalism. **Ethnic and Racial Studies**, v. 22, n. 2, 1999, p, 447-462. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/014198799329558> Acesso em: 22 mar 2024. Doi: <https://doi.org/10.1080/014198799329558>

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. Tradução: Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. 1ª Edição. São Paulo: Cosac Naify, 2010. 258 p.

WITTEBOM, S. Social Alliances Beyond the Ethnonational Bond. **The Handbook of Diasporas, Media, and Culture**. Wiley-Blackwell, p. 179-192, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781119236771.ch12>